



AZUL



ANNO I.º

Pela Arte

TOMO 2.º

Director: Thiago Peixoto.

Curitiba, 29 de Setembro de 1900

UNICA!

Inferno e céu clarão e treva! hedionda e pura!
 Abysmo que me attrae! força que me domina!
 Insania? desespero? intrepidez? loucura?
 Tudo e nada... O esplendor da serpente divina!

*

Mea supplicio immortal! minha unica ventura!
 Avulta ao meu olhar, gruda-se-me á retina:
 Eu tenho ouvidos só para ouvir a brandura
 De sua estranha voz, que é uma garra assassina.

*

Inconfundivel luz! mulher inconfundivel!
 Fugil-a? Urra, feroz, das paixões a procella,
 Arrastando-me num impeto irreprimivel!

*

Vivo, como Satan, aos pés do anjo maldito!
 Fugil-a? O que encheria a terra, se, sem ella
 O proprio céu seria um deserto infinito? ...

Leancia Garcia.

A SANTA

A Sra. D. Brazilia de Mesquita

Como é religioso o poeta Ar-
 mando! murmuravam adocica-
 damente sempre que elle passa-
 va, curvado ao peso da sua gran-
 de desventura, por entre o bea-
 terio humildemente prostrado so-
 bre o assoalho empoeirado da
 igrejainha de Nossa Senhora dos

Afflictos e murmurando o mea
 culpa, mea maxima culpa... n'uma
 contricção de fé suprema... Ha-
 de ser muito feliz!...

E elle avançava, imperturba-
 velmente, em direitura ao nicho
 azul, enflorado de rosas brancas,
 onde a Santa da sua crença, per-
 filada sobre a peanha de mar-
 more negro, esperava as suas
 procces, a confissão das suas cul-
 pas, dos seus pensamentos maus.
 Parecia que dos labios rosados

Diário Uello - Selas Jardim

da Santa, o perdão evolava-se já, em fôrma de um jacto de luz branca, luarisada. Ella que era a Nossa Senhora dos Afflictos, havia de comprehendel-o.

Os cirios accesos, fumegavam, vertendo sobre a toalha alvissima do altar — uma toalha de bretanha, ricamente bordada, e que fora offertada á Santa por uma irmã do Coração de Jesus — lagrimas de cera quente, amareladas, como gottas de suor de um doente de febre synochal. Havia pelo ambiente amornecido, um mystico perfume de incenso arabico, que fazia sonhar milagres, ressurreição de virgens mortas, ascensões feericas de santos, divinizados pelo Vaticano, conversões de Magdalenas peccadoras. . . todo um *ricordare* magico de cousas santas

Quando suas rotulas tocaram o tapete velho, desbotado, estendido aos pés do altar, seus olhos alçaram-se vagarosamente, buscando a fronte branca da formosa Santa. E deixou-se ficar assim n'uma contemplação extatica, de requintada religiosidade, labios immoveis, mãos enlaçadas sobre o torax, como quem ora fervorosamente, entanto que sua alma peregrinava...

Imaginava-se na alcovasinha azul da sua extremecida Amada, eternamente tresandando á pós de arroz, fitando-a religiosamente, perdendo-se nas paysagens magicas que via desenharem-se nos seus olhos verde-mar, mudo, fallando-lhe com os olhos, cego, vendo-a com a alma, e aspirando avidamente o cheiro estonteecedor que exhalava-se da sua carne nova, tepida e rosada, que infiltrava-lhe nos sentidos a idéa de uma ventura *exquis*, deliciosa. Sentia mesmo nos labios o calor brandissimo da sua pelle rosada, macia, velludosa, como uma petala de rosa branca.

E sonhava — olhando as pupilas azues daquella Santa, que trazia-lhe ao espirito com uma fidelidade impecavel, os traços phisionomicos da sua Amada; ouvindo o murmurio de preces, de uma velha encarquilhada, que supplicava a Nossa Senhora dos Afflictos lenitivo para as suas maleitas com os labios rubros de sua Amada, onde o sangue polulava, como que desejando jorrar n'uma expansão de saude.

Ah, quem o visse assim, sem advinhar-lhe os sentimentos d'alma . . . era um santo.

Sempre, aos primeiros alvôres da manhã, elle seguia com passos tardos, em romaria a igrejinha de Nossa Senhora dos Afflictos. Gossava immensamente, ao contemplar a fronte branca da Santa, aureolada por um manto azul, salpicado de estrelinhas d'oiro que faiscavam sob a luz avermelhada dos cirios fumegantes. Lembrava-lhe a sua Amada . . . era o bastante. Ah, si a collocassem tambem, n'um nicho azul, enflorado de rosas brancas, com um manto igual ao da Santa, como não ficaria formosa, ella que era tão linda !

E o beaterio ajoelhando-se a seus pés, adorando-a, levando-lhe ramalhetes de violetas, clamando piedade para os seus peccados . . . seria uma verdadeira Santa.

Era nesta disposição de espirito que elle chegava aos pés do nicho, e adorava a sua Santa, perfilada sobre a peanha de marmore negro, e murmurava : Adoro-te ! Amo-te ! Oh, minha Santa . . .

Depois, como que aniquilado, deixava-se cahir, sobre o tapete velho, empoeirado, gozando voluptuosamente da impecavel semelhança que havia entre a Santa immovel, fria, illuminada pela

luz dos cirios, e a sua Amada,
no aureo esplendor da juventude,
sorridente, suscitando sonhos
amoráveis.

E o mulherio, desfilando em
procissão, murmurando Padres

Nossos, lançavam-lhe olhares pie-
dosos, ungidos de admiração...

— Como é religioso o poeta
Armando!

Ha de ser muito feliz!...

Setembro de 1900.

Virgolino Brazil.



ARGONAUTA

Ao Dr. Azeredo Macedo

.. Nobre cavalleiro, em demanda da Palestina do Sonho ..

N, uma trireme de ouro... (Adeos! terra, adeos! mares,
Que vos ficas — Sysiphos — a lutar no ondeante,
Mobil mundo, a gemer a esse labor de Atlante!...)
... Vae singrando o Argonauta a latidão dos ares...

Therapeuta do Ideal! A que mysticos lares
Vacs aportar, Estheta — a que região flammante?
... E a aurea galéra voga e fluctua no arfante
Dorso do Ether, banhada em effluvios de luares...

Naufraga do Infinito, alcandorou-se ao alto!
Não pode vê-la quem, rastejando no asphalto
Da terra vil, mal pode, ó astro, contemplar-te...

Salve, heroe, que te foste, em tua trireme de ouro,
— Refulgindo-te á frente uma auréola de loiro —
Em peregrinação ao Capitolio da Arte!...

Aristides França.



Alma



Pobre alma ! já não tens mais abrigo, roubaram-te os ímpios o ultimo agasalho desta invernia rispida do destino. Quando vejo-te a chorar de frio e fome sobre essas ruínas que foram o sagrado, escriptorio de todas as tuas crenças, rio-me, mas a minha risada tem o sinistro estertor de um alto edificio desmoronando !

Não me era dado atravessar a extensa penedia que se levantava á escarpa da pequena serra. Não temia.

Entretanto errei por via tortuosa onde achei-me em meio do deserto sob a viva fulgencia de um sol da Nubia.

La longe, muito longe já, da estancia bemdicta da paz.

O sol havia grimpado o zenith e declinava mais abrazador que d'antes, eu respirava uma atmosphera de fogo, que levantava-se por toda a planura fazendo cambiar as grossas nuvens bronzeas que se amontoavam no horizonte como montanhas a desabar.

O suor cahia-me em bagas sobre o vasto areal resequido.

Em breve, uma espuma amar-

ga chegou-me a bocca. Tive sede. Corri e na minha carreira phantastica os membros se me encolliam, n'uma gana de estrangulamento.

Entrevi em sonhos um oasis onde sob a verde folhagem de alongadas palmeiras corria mansamente um riacho.

Quiz afogarme, porem me detive exabrupto e cahi exangue sobre a relva humedecida.

O cansaço fechou-me as palpebras e eu adormeci profundamente.

Quando acordei, o sol parecia doirar friamente a copada silenciosa das palmeiras que desenhavam-se agora, como sombras gigantes, na tela profunda do horisonte.

Era tarde demais e a jornada extensa !

Não posso comprehender o martyrio da existencia ao florir pleno dos annos.

Oh ! alma !

Nicolau dos Santos.





Ave da Musa

Ao Adolpho Werneck

Anda sempre a meu lado, a illuminar meu Sonho
De aureas fulgurações macias de Obra-Prima;
Como um sol a brilhar no azul d'um céu tristonho,
—Lampada do Ideal dando expressão á Rima—

Vocabulos crueis em linha assim disponho,
E todo o meu sentir ordeno que Ella exprima;
E a cada verso audaz que a delirar componho
De novos tons de côr Ella cobre e reanima...

Tem essa Ave fidalga, em seu delirio extremo,
Horas rubras de Dor e horas brancas de Gozo.
—Horas que não resume o meu Sonhar Supremo!—

E' por Ella que eu traço este signal de guerra,
Escrutando no Azul um Psalmo harmonioso
Como vagas do mar expirando na terra!

Generoso Borges.



Miragem

Extensão rasa, sem margens, como uma visão do Infinito. Um céu illuminado por uma luz galvanica, vazio de estrellas e de lua.

A paisagem tem a desolação parada de um ossuario, livida e unvida de um silencio morto, bizarra de notas estranhas como o quadro de uma nevrose. Bello ermo em que devia extasiar-se o olho baço de um suicida.

Uma figura, inquietadora de complexidade, serena e torturada, magestosa e angulosa, tão tenue como a concepção de uma alma, vinda desse intangivel e imaginado horisonte, deslisa, num silencio de monja, sobre a planicie funebre que se vinca em pregas de mortalha. O seu olhar tem o desdem altivo de um Deus e a espiritualidade contemplativa do Homem. Ha nelle o cansaço da Vida e a amargura da Immortalidade.

Esbatida como um laivo de nevoa, é indefinida como um espirito. Desmancha tão rapidamente os contornos, espirala-se em nevrossismos tão requintados e imperceptiveis de momento, ri em chôros tão convulsivos, chora em risos tão amargos que não se sabe si é Mephistopheles ou o Christo, Santa Theresa ou a Rigolboche, Luiz XI ou Marco Aurelio.

E em todas as gammas da sua individualidade, ou na figura de um carrasco de genio, gargalhando brutalidades sublimes ou murmurando verdades doces, emerge banhada de uma melancholia ineffavel que é o laço commum das almas que vibram em anseios de Infinito. Ha nelles a ruga gemea de irmãs que choram um paraíso perdido.

E sempre, com a fatalidade de uma Lei e a irradiação de um Sol, deslisa sobre as pregas da mortalha, espectral e branca, na investigação do horizonte, sob o dominio de uma

idêa fixa. E' que nesse fundo distante de deserto lunar, uma outra figura vinha dando á Alma errante a sua preocupação inquietadora. Esse ideal sonhado esboçara-se numa forma que se erguia como um objecto de analyse.

A Alma illuminara-se, olhando, e, num trabalho de intimas deducções, poz-se a agrupar um conjunto de Leis, e a levantar um edificio de Systemas. Era aquelle o thema eterno que banhava num extasis de adoração, a faculdade investigadora e ávida da Alma — a synthese formidavel do Grande Todo, symbolisada numa apparição phantastica, surgindo entre as brumas de um dezerto, sob um céu sem lua.

E houve um momento em que, erecta como numa glorificação, fitou a estranha figura com um olhar tão apunhalante de immobildade fria, como si de si partisse a lamina de um escalpello e fosse penetrar a imagem, abrindo-a, ao intimo da sua essencia. E a figura olhou-a com a mesma ancia, anavalhando-a com o mesmo ferro.

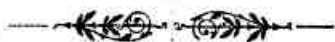
A Alma caminha, caminha. Sentiu o enthusiasmo intellectual de beijar aquella fronte augusta, chamar á Vida a fria estatua de neve, fecundando-a.

Mas, ai! ao olhal-a de perto, um arripio de morte percorreu-a: a estatua tinha na bocca um rictus que era o seu, tinha na fronte a mesma ruga, tinha no olhar a mesma triste expressão de duvida.

Ergueu os braços para cingir aquella irmã: o seu gesto abraçou o vácuo que, diante de si se alargava silencioso, algido, na vazia Eternidade do Espaço.

E então a Alma, desvanecida aquella miragem de si propria, caminha, caminha sempre, sob a impassibilidade das mesmas cousas, lacerando os pés na mesma aspera mortalha, na sombria aspiração de um Novo Ideal.

Extrema Uncção



I

No peito meu amargurado e triste
Não florirá jamais uma illusão!
Soffro os horrores de um cruel martyrio,
Padeço porque sei, que de mim longe
Tu tambem soffres, minha Mãe querida!

Quantas vezes em noites solitarias
A contemplar a lua merencórea,
Eu não recordo aquellas horas santas
Em que no cóllo teu, acalentado,
Fruí doces venturas de creança!

A vida é um pesadêllo monstruoso!
Um dia, quando a morte inexoravel
Roçar por mim as azas lutulentas,
Eu quero oh! Deus de amor! oh! Deus supremo,
Que deixes minha Mãe beijar meu rosto!

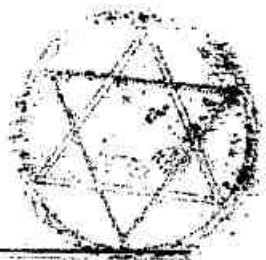
II

Quero tambem, que minha amada Filha,
Rozeo botão de flôr, que eu idolatro,
E que tem sido para mim, na vida,
O balsamo mais puro de minh' alma,
Venha nos labios meus já desbotados
Poizar os d'ella immaculados, santos,
Para eu poder então morrer sorrindo.

III

As lagrymas, crueis e doloridas,
Que do meu triste coração jorrarem
Eu légo a companheira dedicada,
A creatura mais sagrada e casta,
Que supportou comigo as desventuras
E junto á mim ajoelhou no Altar
P'ra receber a benção do Senhor!

Luiz Santa.



Em viagem

Gargalha o sol nas brumas do oriente
Desperta a natureza, impera a vida!
E trauteando uma canção dolente
Ligeiramente apresto-me á partida.

Canta a luz, ri a luz e repetida
Ouço no echo uma Canção doente,
Emquanto pela matta, além... perdida,
A estrada avança, collossal serpente!

Hontem, no pouso, ao lado dos tropeiros,
Ouvindo a trova doce dos campeiros,
Essas cantigas filhas da saudade.

Amanhã, nem eu sei onde dormindo
Verei em sonhos teu perfil, sorrindo,
Illuminando a minha soledade.

Thiago Petxoto.



BREVIARIO. — Si bem que tardiamente, agradecemos a honrosa visita que nos fez, a brilhante revista redigida pelos nossos distinctissimos e talentosos conterraneos Romario Martins e Alfredo Coelho.

A' novel e bizarra collega innumeras venturas dezeja o
"Azul."

A SANTA. — Eis o titulo do conto que engrinalda hoje a nossa modesta revista, conto esse que attesta a pujante cerebração artistica de Virgolino Brazil.

LUIZ SOUTO. Do nosso amigo Alferes Luiz Souto recebemos, como um delicado brinde, a magnifica poesia que hoje publicamos. Gratos.

De Ismael Martins, recebemos um opusculo anticlerical, intitulado *Tartufos*, onde o nosso illustre amigo revella-se vibrante polemista.

Gracias.